

Ana Gabriela Macedo
Universidade do Minho, Portugal

Pós-feminismo

Resumo: Partindo do verbete sobre pós-feminismo do Dicionário da Crítica Feminista (organizado por Ana Gabriela Macedo e Ana Luisa Amaral), proponho a discussão do conceito de pós-feminismo não isoladamente, mas antes por oposição a outros termos e conceitos que de algum modo clarificam a natureza complexa do debate em torno deste termo: contra-feminismo, pós-feminismo, contra-dicção, diferença, imagem, ginocrítica, corpo, ciberfeminismo. Defendo que vivemos no contexto de uma variedade de feminismos plurais, e que o seu discurso oposicional e de resistência é ainda, no mundo de hoje, de total pertinência.

Palavras-chave: feminismo; pós-feminismo; contra-feminismo (backlash); contra-dicção; ginocrítica; diferença.

Copyright © 2006 by Revista Estudos Feministas.

¹ Sarah GAMBLE, 2000.

IPÓS-FEMINISMO – Conceito que apresenta variantes na sua definição. Segundo algumas correntes do feminismo, o pós-feminismo encontra-se próximo do discurso do pós-modernismo, na medida em que ambos têm por objectivo desconstruir/desestabilizar o género enquanto categoria fixa e imutável. A génese deste movimento situar-se-á nos finais dos anos 60, em França, entre as teóricas da “diferença” (Julia Kristeva e Hélène Cixous, entre outras), que, tendo por base a teoria psicanalítica, defenderam que a subjectividade masculina e feminina são intrinsecamente distintas, sendo que a natureza do conceito de subjectividade é múltipla e instável (Gamble, 2000: 298).^[1] Outras correntes do feminismo, porém, afirmam que esta aproximação do pós-feminismo ao pós-modernismo é problemática. Em vez disso, o pós-feminismo é visto como incorporando um feminismo de “Terceira vaga”, que se identificaria mais com uma agenda liberal e individualista do que com objectivos colectivos e políticos, considerando que as principais reivindicações de igualdade entre os sexos foram já satisfeitas e que o feminismo deixou de representar adequadamente as preocupações e anseios das mulheres de hoje. Esta visão de um feminismo em versão “pós”, isto é, conservadora e acomodada, tem por sua vez sido identificada com o

² PAGLIA, 1990; SOMMERS, 1994.

chamado backlash ideológico do feminismo (a que chamaremos contra-feminismo) e defendido por mulheres como Camille Paglia (1990) ou Christina Hoff Sommers (1994).^[2]

³ GREER, 1999; DE LAURETIS, 1987; POLLOCK, 1988; BORDO, 1993; GROSZ, 1995; BUTLER, 1993; HARAWAY, 1991.

O termo pós-feminista tem contudo sido ainda reivindicado numa outra acepção, não complacente com as falácias apressadas do “contra-feminismo” e o seu descartar de muitas das questões fundamentais com que as mulheres se continuam a confrontar diariamente, a nível do público e do privado. Esta corrente, focando privilegiadamente a representação e os media, a produção e a leitura de textos culturais, mostra-se empenhada, por um lado, no reafirmar das batalhas já ganhas pelas mulheres, e por outro, na reinvenção do feminismo enquanto tal, e na necessidade de o fortalecer, exigindo que as mulheres se tornem de novo mais reivindicativas e mais empenhadas nas suas lutas em várias frentes, tal como afirmam, entre outras, Germaine Greer (1999), Teresa de Lauretis, Griselda Pollock, Susan Bordo, Elizabeth Grosz, Judith Butler, Donna Haraway.^[3] O conceito de pós-feminismo poderá assim traduzir a existência hoje de uma multiplicidade de feminismos, ou de um feminismo “plural”, que reconhece o factor da diferença como uma recusa da hegemonia de um tipo de feminismo sobre outro, sem contudo pretender fazer tabula rasa das batalhas ganhas, nem reificar ou “fetichizar” o próprio conceito de diferença.

[in: MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Orgs.). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Afrontamento, 2005. p. 153-154].

Iniciei o meu breve comentário ao debate em torno do pós-feminismo/ feminismo numa era pós-feminista, que a *Revista Estudos Feministas* apresenta neste seu número, com o verbete que acima transcrevi, com ligeiros ajustes, do dicionário citado que co-organizei. Nesse verbete apresenta-se uma súmula das diferentes perspectivas com que esse conceito tem sido assumido pelo próprio feminismo, e, ao assim fazê-lo, foi nossa intenção evitar definições redutoras ou demasiado apressadas do mesmo. Por esse motivo, ao oferecermos essa nossa discussão do termo, propusemos, tal como é uso fazer em dicionários, que o próprio termo *pós-feminismo* fosse visto não por si só, enquanto lexema traduzindo isoladamente uma realidade linguística e social, mas por aposição a outros conceitos próximos que traduzem a própria realidade do feminismo hoje. Entre estes há os seguintes, que aqui apenas enumero: *feminismo e pós-modernismo; diferença;*

⁴ Myriam DIÁZ-DIOCARETZ e Iris ZAVALA, 1993, p. 96.

⁵ Vide Dicionário da Crítica Feminista (MACEDO e AMARAL, 2005, p. 23-24).

⁶ SHOWALTER, 1981.

⁷ RICH, 1987.

⁸ WOOLF, 1988; BEAUVOIR, 1976; BORDO, 1993; BUTLER, 1993; STANFORD FRIEDMAN, 1998; HARAWAY, 1991.

⁹ Griselda POLLOCK, 1988.

¹⁰ Rosi BRAIDOTTI, 1997.

diferença sexual; contra-feminismo; contra-dicção; ciberfeminismo; corpo; imagem. Não seria adequado definir aqui em pormenor cada um desses conceitos, e acrescentarei apenas que uma das maiores batalhas do feminismo foi erigir-se no seio do discurso patriarcal como uma *contra-dicção* em relação à lei homogeneizante e universalizadora masculina, para aí interpelar os limites da verdade universal logocêntrica e suas representações discursivas, revoltando-se contra a lei que reduz as mulheres a um “mutismo ou mimetismo cultural”,⁴ e simultaneamente produzir, aí mesmo, uma *contra-dicção* que recusa o essencialismo e acolhe o paradoxo e a contradição. Essa batalha não está ganha, daí que *não é do passado* que falamos quando falamos de feminismo: continuamente espreitam, mascarados das mais diversas e mais apelativas linguagens, os discursos do “contra-feminismo”, profundamente estribados num conservadorismo ideológico e político e num feroz individualismo, habilmente disseminados pelos *media*, que incansavelmente os sustenta.⁵

Afirmar assim a existência de um pós-feminismo ‘global’ sem atender a diferentes ‘localizações’ espaço-temporais seria no mínimo paradoxal, pois significaria reconhecer a entrada num mundo pós-feminista sem nunca termos ‘globalmente’ conhecido um mundo feminista. Por outro lado, importa saber avaliar os avanços e recuos do movimento feminista desde a sua Primeira Vaga, que significou a luta das mulheres pelo direito ao voto e à vida política, enquanto um dos ganhos da sua Segunda Vaga, que importa igualmente reconhecer, é o acesso ao conhecimento, à informação, o saber acumulado das mulheres sobre si próprias (a *ginocítica* de que nos fala Elaine Showalter),⁶ e o seu papel como *agentes* na História, na Filosofia, na Literatura, na Ciência, nas Artes, na Política, na Tecnologia, etc. Trata-se, essencialmente, da utilização crítica desse valor *oposicional*, da capacidade de resistência dessa *contra-dicção*, que o feminismo tem vindo a conquistar, arduamente, hoje como ontem, no seio das sociedades. Nesse contexto, o reconhecimento da “política da localização”, tal como reclamada por Adrienne Rich,⁷ bem como das “novas cartografias do feminino” em articulação com as políticas identitárias (de Virginia Woolf e Simone de Beauvoir a Susan Bordo, Judith Butler, Susan Stanford Friedman, Donna Haraway,⁸ entre outras), e o reconhecimento da “outridade do paradigma da mulher”,⁹ bem como da sua alteridade “positivamente outra”,¹⁰ traduzem a consciência de que o feminismo tem vindo a se constituir como uma “nova fronteira” dentro do *mainstream*, instituindo-se como uma “consciência

¹¹ BRAIDOTTI, 1994.

nomádica" resistente aos discursos e formações hegemônicas, fundamentada rizomaticamente na transdisciplinaridade, na desterritorialização e no hibridismo.¹¹ Vivemos tempos de feminismos plurais, porém, não ainda (e infelizmente, se bem entendido), de pós-feminismo.

Referências bibliográficas

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Lisboa: Bertrand, 1976[1949]. v. I e II.
- BORDO, Susan. *Unbearable Weight: Feminism, Western Culture and the Body*. Berkeley, Los Angeles and London, University of California Press, 1993.
- BRAIDOTTI, Rosi. *Nomadic Subjects: Embodiment and Sexual Difference in Contemporary Feminist Theory*. New York: Columbia Univ. Press, 1994.
- _____. "Comment on Felski's *The Doxa of Difference: Working Through Sexual Difference*." *Signs*, v. 23, n. 1, 1997. p. 23-40.
- BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of Sex*. New York and London: Routledge, 1993.
- GAMBLE, Sarah (ed.). *The Routledge Critical Dictionary of Feminism and Postfeminism*. New York: Routledge, 2000.
- GREER, Germaine. *The Whole Woman*. London: Doubleday, 1999.
- GROSZ, Elizabeth. *Space, Time and Perversion: Essays on the Politics of Bodies*. New York and London: Routledge, 1995.
- HARAWAY, Donna. *Simians, Cyborgs and Women. The Reinvention of Nature*. London: Free Association Books, 1991[1985].
- DE LAURETIS, Teresa. *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- DIAZ-DIOCARETZ, Myriam; ZAVALA, Iris. *Breve História Feminista de la Literatura Española*. Barcelona: Anthropos, 1993.
- PAGLIA, Camille. *Sexual Personae: Art and Decadence from Nefertiti to Emily Dickinson*. New York: Vintage Books, 1990.
- POLLOCK, Griselda. *Vision and Difference: Femininity, Feminism and the Histories of Art*. New York and London: Routledge, 1988.
- RICH, Adrienne. "Notes Towards a Politics of Location." In: RICH, Adrienne. *Blood, Bread and Poetry: Selected Prose 1979-85*. London, Virago, 1987. p. 210-231.
- SHOWALTER, Elaine. *The New Feminist Criticism: Essays on Women, Literature and Theory*. London, Virago, 1981.

- SOMMERS, Christina Hoff. *Who Stole Feminism: How Women Have Betrayed Women*. New York: Simon and Schuster, 1994.
- STANFORD FRIEDMAN, Susan. *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*. Princeton: Princeton U. P., 1998.
- WOOLF, Virginia. "Professions for Women." In: BARRETT, Michèle (ed.). *Virginia Woolf: Women and Writing*. Virago: London, 1931. p. 57-63.

Postfeminism

Abstract: *Departing from the entry on Postfeminism in the Dicionário da Crítica Feminista (edited by Ana Gabriela Macedo and Ana Luísa Amaral), I discuss the meaning of the concept not in isolation, but in affiliation with other concepts which somehow help to understand the complexity of this debate, e.g., Counter-feminism, Postmodernism, Counter-diction, Difference; Body; Image; Gynocritics, Cyberfeminism. I defend that despite all odds, Feminism still stands as a fundamental "counter-diction," a much needed oppositional discourse in our day and age.*

Key Words: *Feminism; Postfeminism; Backlash; Counter-diction; Gynocritics; Difference.*